

“Um livro de cultura media geral”: Enciclopédia *Thesouro da Juventude* (193?) e a questão da “obra fronteiriça”.

KELLY KEIKO KOTI DIAS*

Este trabalho pretende apresentar e colocar em discussão a problemática de como identificar, ou construir uma terminologia para algumas obras, que muitas vezes podem ser vistas pelo leitor como livros didáticos, livros de leitura ou até mesmo de divulgação científica. Utilizaremos o termo “obras fronteiriças”, atribuída pelas historiadoras Raquel Glezer e Sara Albieri, para a literatura que por muitos leitores é considerada de história, mas que para os historiadores, ou outros profissionais dos estudos da humanidade, está fora do campo historiográfico, este construído na academia. As autoras os definem como “uma das formas tradicionais de primeiro contato do leitor com a história, fora do contexto escolar.” (GLEZER e ALBIERI, 2009:15). Para tal objetivo, analisaremos a *Enciclopédia Thesouro da Juventude*, edição de 193(?), como exemplo da complexidade de tais documentos. Como defini-los? Esse termo caberia também a tal fonte? Ou apenas à literatura contemporânea? Seria mais interessante classificá-la como livros de leitura? Edição escolar? Vulgarização dos conhecimentos?

Ao desenvolver tal análise, dividimos este artigo em dois momentos: primeiramente veremos um pouco do debate sobre a definição de “obras fronteiriças”, “livro escolar”, “livro de leitura”, para podermos entender e contribuir com um debate que, segundo o historiador Alain Choppin, mesmo depois de trinta anos, ainda “entusiasma periodicamente a comunidade científica internacional.” (2009:7) Em um segundo momento será trabalhado a metodologia da história do livro e da leitura, principalmente através das obras de Roger Chartier, Robert Darnton, Marisa Lajolo e Regina Zilbermann, entre outros, sobretudo aquelas que envolvem as questões em torno do mercado editorial, a materialidade e a escrita da enciclopédia aqui estudada.

A coleção *Thesouro da Juventude* foi uma obra composta por 18 volumes, publicada pela editora W.M.Jackson, entre 1925 a 1960. Ela se apresenta como “Encyclopedia em que se reúnem os conhecimentos, que todas as pessoas cultas necessitam possuir, oferecendo-os

*Mestranda de História do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Bolsista da CNPq.

em forma adequada para o proveito e entretenimento dos meninos” (*THE SOURO DA JUVENTUDE*, 193?) e que foi uma das obras mais populares nesse formato no início do século XX no Brasil. De acordo com alguns estudiosos (GLEZER e ALBIERI; OLIVEIRA), marcou a memória de leituras de jovens brasileiros, especialmente até a década de 1970. Entretanto, nos delimitaremos nas seções onde se concentram os textos sobre história, que são: *Bellas Acções, Novo Mundo, Velho Mundo e Homens e Mulheres Célebres*. Essas passagens da coleção foram escolhidas pois, além de focar na disciplina História, nelas encontramos várias questões relacionadas, como as narrativas históricas, certos protocolos de leitura, além dos seus textos e seus objetivos estarem alinhados a temática didática que nesse momento se desenvolvia no país, como também muitos de seus temas compartilhavam dos tópicos propostos pelo programa de ensino do Ministério da Educação e Saúde Pública (1930-1953) para a História.

Este trabalho foi pensado e desenvolvido a partir de questões iniciais a uma pesquisa de amplitude maior: a dissertação do mestrado, ainda em desenvolvimento sobre as narrativas históricas de duas edições da Enciclopédia *Thesouro da Juventude*, a primeira é aqui analisada (193?) e a segunda é uma reedição de 1957, e sua relação com os protocolos de leitura que colocou através da sua materialidade, como também de seu conteúdo e textos. No começo da pesquisa por diversas vezes houve abordagens de leitores que testemunharam oralmente o uso e como essa coleção marcou as memórias de leitura de suas infâncias, com esses testemunhos em mente, e através da atenta leitura da introdução e dos textos selecionados possibilitou-se questionar de que forma e com quais intenções foi possível criar diversas maneiras de ver essa coleção, alguns a utilizaram como livro de consulta, ou de referência, outros destacaram a leitura como entretenimento da família. De acordo com Roger Chartier, a leitura é uma prática cultural extremamente dinâmica, entretanto, o livro, o texto devem indicar caminhos possíveis para as leituras. Ao pensar na possibilidade de “contratos” de leitura, surgiram várias questões a respeito do que seria esse objeto *Thesouro da Juventude*? E é a partir dessas indagações sobre sua natureza que foi analisado a sua história como livro e possíveis leituras suas.

Adotamos o termo “obras fronteiriças”, depois de levantar e analisar uma literatura que tenta definir a natureza de livros e coleções de caráter educacional. Ao fazê-lo percebemos a complexidade em que se encontra não somente os tradicionais “livros didáticos”, como também e principalmente nesse caso, a definição de obras como o nosso objeto que são enciclopédias, mas que por sua apresentação, organização, formas e usos que puderam ser apropriadas pelos leitores, são ainda mais complexos de se definir uma terminologia.

O termo “obras fronteiriças” dá nome àquelas obras em que a fronteira entre o livro escolar e o livro de vulgarização, ficando até mesmo na tendência em se localizar na segunda categoria. Para as autoras Glezer e Albieri, essas obras como o *Thesouro da Juventude*, seria a forma mais tradicional de um primeiro contato entre o leitor leigo com a história.¹ Para elas, essa coleção é uma obra de divulgação do conhecimento, principalmente por conseguir alcançar diversos leitores devido ao seu modo de comercialização, o chamado “segmento porta a porta”, no qual os vendedores saíam pelo país, passando por diversas cidades e vendendo as coleções, do *Thesouro* e outras editadas pela W.M.Jackson.

Alinhada a essa perspectiva, trazemos ao debate o historiador do livro e das edições escolares Alain Choppin que possui estudos nos quais tenta dar conta da natureza e da identidade dos manuais, e fazer um estudo do estado da arte das edições escolares na França e no mundo (focado principalmente nos estudos Ocidentais). Para isso, o autor adota quatro perspectivas distintas: Quais vocábulos são empregados para designar o manual escolar? Quais conclusões relativas à suas funções, natureza e usos? O que separa o livro escolar de categorias próximas? E se é necessariamente um livro, ou um impresso, ou no mundo atual engloba outros tipos de suportes? Além desses questionamentos, o autor tem como premissa a questão central: O que é um manual escolar?²

Para o autor o que torna tão complexa sua definição é que o “manual escolar” é um objeto que pode ser pensada através de vários ângulos e que dependendo da língua, o uso é

¹ GLEZER, Raquel e ALBIERI, Sara. “O campos da história e as ‘obras fronteiriças’: algumas observações sobre a produção historiográfica brasileira e uma proposta de conciliação.” IN: *Revista IEB*, n.48, março/2009. P.15

² CHOPPIN, Alain. “O manual escolar: uma falsa evidência histórica.” IN: *História da Educação*. ASPHE/FAE/UFPEL. V.13, n.27. jan/abr/2009.

modificado pela denominação lexical, algumas fazem referências a sua organização internas, como o caso das antologias, ou por sua designação sintética, como os compêndios, pelos métodos de aprendizagens que trabalham (*cours*, no francês), uso de colocação de questões, exposição organizada dos exemplos (como *nociones*, no espanhol), outros são derivados de nomes de autores famosos, ou a partir de sua denominação material, como as cartilhas, entre muitas outras características. Partindo da análise lexical, o autor define que a determinação, o consenso do uso da nomenclatura parece se determinar pela questão do uso, do contexto e do estilo.³ Devido a essa complexidade, muitas vezes os pesquisadores utilizam os termos (“manual escolar”, “livro escolar”, “livro didático”, entre outros) da mesma forma, sem distinção, principalmente ao relacionar o “manual escolar” ao livro que serve para ensinar, para estudar, o que para a análise de Choppin seria um uso incorreto dos termos. Além dessa indistinção da terminologia, o autor aponta duas distinções essenciais, para esse estudo: primeiro os livros que apresentam os conhecimentos e segundo os que trazem o modo de aquisição dos mecanismos do conhecimento, como abecedários, cartilhas, etc. Podemos colocar em uma primeira fase de classificação, o nosso objeto nessa primeira distinção, pois, a enciclopédia em nenhum de seus volumes propôs tarefas, ou atividade, mas apresentaram de “forma aleatória” os conhecimentos históricos, seccionando apenas por temáticas.

Na preocupação em definir a natureza de nosso objeto, devemos também nos ater ao que Choppin destaca, além do suporte e formato do livro, associado a uma denominação de “livro escolar”, é necessário percebermos se os textos e o conteúdo são de direcionamento para a escola. Nesse caso, é importante ressaltar que muitos jovens nesse período ainda tinham uma educação doméstica, a escola como instituição não era alcançada por todos, e nem chegou a ser implantada em todas as cidades do país na primeira metade do século XX. Devido a isso, o papel da enciclopédia na divulgação de conhecimentos marcou esse período. De acordo com o autor, é a partir do século XVIII, com a evolução dos livros, surgiram no mercado, livros inspirados em tratados científicos, mas com o objetivo de vulgarizar esses conhecimentos. Por isso a nossa associação desses “livros” com o termo de “obras fronteiriças”, pois, como já foi levantado aqui nesse trabalho, muitas vezes é o primeiro, ou até mesmo o único contato que os leitores tiveram com o conhecimento, nesse caso o

³ Idem. p.19

histórico. Vemos nesse debate que as fronteiras entre os “livros escolares” e “livros de vulgarização” ou disseminação do conhecimento científico são bem tênues, o que se pode tirar que é possível o uso da enciclopédia como uma coleção que esteve envolvida com a esfera escolar, ou doméstica.

Além da proximidade com esse tipo de classificação da natureza de nosso objeto, Choppin trás em seus estudos a denominação dos livros de leituras como também “manuais escolares”. Como o autor bem coloca, em diversas vezes o texto, ou até mesmo o livro não foi pensando ou produzido com o foco na escola, mas principalmente antes do século XX, vários textos foram utilizados na sala de aula, ou pelos professores durante o ensino para desenvolver habilidades, como a leitura. Nesse caso se destacam os chamados “livros de leitura”, muitos deles não tiveram intenção pedagógica, mas foram posteriormente adotados pelas escolas, como o caso desses livros com narrativas históricas, ou poemas. Junto a isso, a nossa coleção foi utilizada pelas escolas, mesmo sem a intenção estar clara na sua introdução. Verificou-se no periódico *Revista do Ensino* (1925-1971)⁴, de circulação no Estado de Minas Gerais, a citação do *Tesouro da Juventude* como livro de leitura, muito consultado pelos alunos das escolas públicas desse estado. Devido a essa característica diferenciada da enciclopédia pensamos que talvez seja necessário um estudo diferenciado, como comenta Harper (Apud Choppin: 36):

O continuum que engloba livros escolares e diversas categorias de livros não escolares merece talvez ser estudado em si mesmo. Para algumas disciplinas, contatamos essa evolução depois dos livros polivalentes (multipurpose books), cujo objetivo é por sua vez de divertir, de elevar o sentimento moral e de educar *stricto sensu*, em direção a uma diferenciação colocada entre livros escolares e livros não escolares. (Harper apud CHOPPIN: 36)

Concorda com esse pensamento Leonardo Arroyo⁵, que declara não existir no século XIX e início do XX no Brasil, livros de puramente diversão ou de aquisição de conhecimento

⁴ Observamos o uso da enciclopédia nos clubes de leituras na *Revista do Ensino* de mar de 1929, ano IV, n.21, p.33; 1932, ano VI, ns.71-73, p.65; 1933, ano VII, p.37; A preferência por ela pode ser vista por pesquisas levantadas pela revista em 1935, V.123; 1936, vol.10.p.316 e vol.14; 1946, p.210. Dados a partir de 1935 retirados de OLIVEIRA, Bernardo J. (2008) “A ciência e a curiosidade na enciclopédia *Tesouro da Juventude*” IN: MARTINS, Roberto; SILVA, Cibelle C. (et.) (orgs.) *Filosofia e História da Ciência no Cone Sul, seleção de trabalhos do 5º encontro*. Campinas: AFHIC

⁵ ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968. P. 36.

e estudo escolar para crianças e jovens. Para ele, por ser a literatura infantil voltada a certa faixa etária e esses mesmo leitores é que frequentaria a escola, a fronteira entre elas é muito tênue, o que ocasionou que muitos desses livros contribuíssem para definir o leitor desse período.

Através dos estudos de Choppin podemos refletir em que natureza se encaixaria o *Thesouro da Juventude*. Sua classificação é de caráter bem subjetivo, já que podemos analisá-la por diversos fatores, uma por seus usos, como podemos ver, ela foi utilizada nas escolas e muitas vezes como a única fonte de contato com o conhecimento histórico que leitores, principalmente jovens puderam ter; segundo podemos defini-la como um livro escolar a partir do momento que ela fazia parte de um acultramento educacional, voltada para a escola; outra questão é a partir a utilização dela não somente como divulgação do conhecimento científico, mas também sua relação como um “livro de leitura”, pois nesse momento esses faziam diversas vezes o papel de ensino da moral e do conhecimento histórico patriótico, ligado principalmente a idealização da formação do sentimento nacional, desejada pelos diversos poderes do Estado Brasileiro, desejos esses que marcaram a política educacional desse período. Por fim, podemos ver a ligação da relação entre a coleção como “livros” de entretenimento e de “manual” escolar ao compará-la ao currículo de história proposta pelo Estado. Ela não só cumpria seu papel como um livro escolar, como também um livro de leitura para se ter em casa a propósito do puro divertimento. Vemos dessa forma, nesse debate a complexidade de tal objeto, por isso as diversas possibilidades de leituras que se pode fazer do *Thesouro da Juventude*.

O *Thesouro* entre o livro e a leitura

Ao buscarmos por uma terminologia, ou seja, uma definição da natureza do objeto *Thesouro da Juventude*, percebemos que essa determinação está relacionada diretamente as possibilidades de “leituras” feitas a partir de dados dado pela coleção. De nenhuma maneira pretendemos buscar o leitor “real” da enciclopédia, pois, como já dito anteriormente esta é uma prática ativa e que varia com o leitor, o contexto em que se encontra, entre outras questões. Entretanto, como o espaço é relativamente curto e esse artigo propõe-se a chamar a

atenção para uma reflexão sobre esse tipo de documento ainda pouco estudado no Brasil, por será feita apenas apontamentos para tal objetivo.

Para tanto, remetemos aqui considerações levantadas por Robert Darnton em seu texto “História da Leitura”⁶, no qual levanta muito bem questionamentos em relação ao desenvolvimento da pesquisa acerca da leitura, principalmente entre os séculos XVII e XVIII na Europa. Podemos deslocar algumas dessas questões para compreendermos melhor as possíveis leituras, por exemplo, qual era a forma de ensino de leitura? Tal pergunta nos faz pensar em como os manuais de ensino de leitura conduziam seus “modos”. Se eles funcionaram, se os leitores desenvolveram a leitura exatamente como o professor ou o manual indicava a prática, não há como sabermos a não ser por depoimentos. Ao vermos pesquisas como de Claudia Panizzolo⁷, onde esta mostra como livros de leitura de um dos educadores brasileiros mais famosos desse período – João Köpke – criou modelos de ensino de leitura onde suas histórias davam exemplos de “ensinamentos de virtude, de trabalho, generosidade, bondade, honradez e humanidade.”⁸, podemos entender certas formas de leitura foram desenvolvidas nesse período. Tais livros tinham a intenção de instruir e educar através do ficcional que ia para o real. Percebemos esse tipo de narrativa no texto introdutório da primeira edição do *Tesouro da Juventude* aqui analisado, que traz como autor o então conhecido jurista brasileiro Clóvis Bevilacqua (1859-1944). Assim como os livros de Köpke procuravam instruir e moralizar, a preocupação da coleção parecia seguir o mesmo caminho:

A educação tem por escopo, segundo as palavras de Alexandre Bain, suavizar os costumes, crear habitos de abnegação, favorecer o equilibrio das faculdades, desenvolver, enfim, o homem na sua integridade. Refere-se o psychologo inglez á educação intellectual e moral.

Outro não é intuito d’este livro. Encyclopedia para meninos, adolescentes e homens do povo; procurando instruir, sem discussões theoricas, inadequadas e fastidiosas para os espíritos juvenis, e para os que não dispõem do tempo necessário para se aprofundar nas sciencias ou nas letras; não fazendo philosophia, não tendo preocupações technicas, nem intuitos didacticos; narra os factos mais notáveis da história, desenvolve o senso esthetic, ensina a moral por meios de exemplos, estimula o patriotismo, o amor da familia e o

⁶ DARNTON, Robert. “História da Leitura” IN: Burke, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

⁷PANIZZOLO, Claudia. “Civilizar, educar e instruir: a infância impressa nos livros de leitura.” IN: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH*. São Paulo. Julho/2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300851459_ARQUIVO_Civilizar,educareinstruir_ClaudiaPanizzolo.pdf. Acesso: 27/01/2012.

⁸ Idem. P.4

da humanidade, por meio de sugestões adequadas e criteriosamente escolhidas.

É, pois, um excelente livro de educação intelectual e moral. (*THESOIRO DA JUVENTUDE*, 192(?), p.7)⁹

Além dessa intencionalidade clara em relação à educação moral, o autor destaca que este livro é uma coleção onde se encontrará uma completa reunião de saberes essenciais ao jovem e também porque não aos adultos. Um conjunto sobre as ciências, sobre a história, sobre as artes, tanto literárias como plásticas. Podemos ver que a diversidade de temas escolhidos para o leitor, o carrega para a tomada dessa coleção como recurso em que será possível sua consulta, chegar ao seu alcance o conhecimento, ou a vulgarização deste. A introdução também conduzirá seu leitor a tomá-lo como um livro de leitura, onde pode desenvolver não somente o gosto por essa, inclusive a sua prática. Apesar de comunicar ao leitor que não tem pretensão didática, não podemos deixar de pensar que por trás da escolha dos temas e do modo como é desenvolvido seus textos, houve uma preocupação pedagógica, havia sim a intenção de instruir, de ensinar. Entretanto, como a mesma introdução coloca essa coleção não é para teorias, mas sim para que possa alcançar o conhecimento “mínimo” que deve saber um homem culto.¹⁰ É um livro para todos, que engloba desde a literatura para crianças e a crianças, como também aos jovens que “frequentam a escola estas paginas ser-lhe-hão de grande auxílio.”¹¹

Para cumprir tais objetivos, verificamos o modo como a enciclopédia conduziu as temáticas dos textos, nesse caso os de história, tanto trazendo inúmeras narrativas histórias sobre o Brasil, como de outros países para exemplificar e ensinar através dos exemplos da figura do “herói”, a história sobre como se deu os processos políticos de conquista de territórios, de lutas pelo poder político, da geografia, principalmente da formação das nações e seus povos. Esses textos não somente traziam a intencionalidade de uma educação cívica e moral, como também estava de acordo com o currículo proposto pelo Estado da década de 1930 e as que se seguiam, esse desenvolvido pelo Ministério da Educação e Saúde Pública.¹² Alguns temas que podemos exemplificar são: “O descobrimento do Brasil” (Vol.1), “José

⁹ Nesse trabalho optou-se por manter a ortografia original da época.

¹⁰ *Thesouro a Juventude*, São Paulo: W.M.Jackson, 193(?), p.9.

¹¹ *Idem*, p.12.

¹² ORIÁ, Ricardo. *O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar brasileira (1934-1961)*. São Paulo: Annablume, 2011

Bonifácio” (Vol.3), “Os donatários” (Vol.4), “Anchieta e Tiradentes” (Vol. 7), “A conspiração de Tiradentes” (Vol.10), “Como o Brasil se tornou independente” (Vol.13) “A Republica” (Vol.17)¹³ e por fim no último volume, destacamos a publicação de um resumo sobre a História do Brasil escrita pelo famoso escritor de livros de história e que era um dos intelectuais do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), Rocha Pombo.¹⁴

Apesar de não termos muitas informações sobre quais os colaboradores ou editores do *Thesouro da Juventude*, podemos relacionar os intelectuais brasileiros que se destacavam na sociedade desse período, com a elaboração das narrativas históricas, devido à relação dos intelectuais brasileiros que contribuíram para a composição dessa coleção, como já citamos Clóvis Bevilacqua, Rocha Pombo, além de serem citados outros historiadores brasileiros como Capistrano de Abreu (1853-1927) e João Ribeiro (1860-1934). É interessante pensar nesses dados, pois podemos relacioná-los com o tipo de livros que circulavam no ambiente escolar desse momento e também ao mesmo tempo nos círculos acadêmicos. Essa relação apontam bons indicativos para pensarmos em como era estrita a fronteira dos textos acadêmicos e de vulgarização desses conhecimentos históricos e como isso traça um perfil de leitor que essa obra seria indicada. Isso nos leva a outro ponto destacado por Darnton a relação com a teoria literária.

Sob essa perspectiva de análise, as autoras Regina Zilberman e Marisa Lajolo apontam que é possível entender e captar o “leitor virtual” proposto pelo escritor ou até mesmo editor das obras. É esse “leitor”, que não é captado em carne e osso, mas que mesmo assim está incluso na obra, que pretendemos alcançar e compreender um pouco mais de sua formação:

Estes leitores de carne e osso, dos quais se ocupam os censos e que sustentam o negócio dos livros, passíveis, portanto, de serem historicizados e estudados estatisticamente, têm sua contrapartida textual: o leitor empírico, destinatário virtual de toda criação literária, é também direta ou indiretamente introjetado na obra que a ele se dirige. Assim, nomeado ou anônimo, converte-se em texto, tomando a feição de um sujeito com o qual se estabelece um diálogo, latente, mas necessário (LAJOLO & ZILBERMAN, 1998, p.17).

¹³ Esses são os títulos que se encontram na enciclopédia, no currículo proposto pelo Estado para a educação secundária, os tópicos parecem com outro nome, mas se tratam da mesma temática.

¹⁴ Rocha Pombo (1857-1933) foi jornalista, poeta e historiador, membro do IHGB e da Academia Brasileira de Letras, ficou conhecido pela publicação de diversas obras, mas ressaltamos aqui, sua bibliografia sobre história: *Nossa Pátria* (1917), *História da América* (1900) e *História do Brasil* (1935), esta publicada em diversos volumes e também editada pela editora W.M.Jackson.

Percebe-se que todo momento a escrita é remetida para o leitor, tanto na introdução ao abranger e sublinhar para quem foi feita essa coleção, como ao remeter-se a esses nomes de intelectuais que presumidamente pelos autores, eram conhecidos, mas principalmente ao “chamar” o leitor a tomar as diversas histórias sobre os “heróis” como exemplos para a vida, sejam eles brasileiros ou não.

Por fim devemos apontar a questão da relação do suporte físico da enciclopédia com a leitura. Vários historiadores, principalmente entre eles Roger Chartier, estudam como os aspectos materiais dos impressos e todo o processo que o livro passa até chegar ao leitor contribuem para a prática da leitura, pois, nenhum texto está desligado do suporte que o carrega (CHARTIER, 1990). No *Thesouro da Juventude* observamos que todos os 18 volumes possuem a capa dura verde, de boa encadernação. Inclui-se nelas também um elevado número de ilustrações, quantidade que mereceu destaque no texto de introdução:

Muitos são aqueles, meninos e moços, e que mesmo adultos, a quem a gravura levou á legenda, e esta ao conhecimento mais prolixo do que aquella representava. Todo pedagogo sabe que a gravura é o melhor incentivo para que o menino deseje aprender a ler e o adulto se interesse em interar-se de alguma cousa. Há lá nada mais attractivo que folhear uma encyclopedia illustrada? (*THESOIRO DA JUVENTUDE, 193?:9*)

Nela há destaque para inúmeras ilustrações e fotografias, que acompanham os textos. Não podemos cometer o erro de observar que essas imagens apenas serviam para “ilustrar” o texto, mas como Roger Chartier ressaltou em seus estudos, todos os indicativos, imagens entre outras características contribuíram para o desenvolvido da prática “leitura”. Essas imagens também muitas vezes vinham separadas do texto, antes deles, o que podemos interpretar com um dado das narrativas, essas imagens faziam parte dos discursos construídos por esses textos.¹⁵

A respeito da sua apresentação e da variedade de temas que incluíam desde a temática de história, poesias, contos, resumo de livros, abordagem do conhecimento científico, entre outros, essa coleção se apresentou como uma pequena biblioteca, onde esses mais variados

¹⁵ Sobre a discussão da leitura e imagens na Enciclopédia *Thesouro da Juventude* confira o texto: DIAS, Kelly K.K. “Estampas coloridas: ilustrações na Enciclopédia *Tesouro da Juventude*, edições de 193(?) e 1957.” IN: *Anais do XXI Encontro Estadual de História, Trabalho, Cultura e Memória*. Campinas, SP. 03 a 06 de Julho.

temas poderiam contribuir com o conhecimento da “cultura média geral” ou complemento ao aprendizado escolar, se equivalendo de um bacharelado. Portanto, ao que tudo indica, ela objetivava chegar e se encaixar a todo tipo de necessidade e vontade do leitor. Entretanto, junto ao número elevado de volumes, páginas e imagens (algo de custo elevado no início do século), possivelmente ao ser adaptada ao Brasil, apenas famílias com renda média alta poderiam adquiri-las, além das bibliotecas escolares.

Então como poderia ela ter feito tanto sucesso na primeira metade do século? Ao pesquisar sobre sua editora e quais foram os artifícios utilizados para a distribuição de seus produtos, podemos entender melhor o alcance da coleção. A editora W.M.Jackson fazia parte da empresa *Grolier Society*, empresa esta que desenvolveu e inaugurou várias estratégias de divulgação e circulação das edições no país e em outras partes do mundo. Entre elas estava a sondagem do público, consultando leitores e livreiros através de agentes (OLIVEIRA, 2008, p.84). Outra estratégia foi a implantação da venda de suas coleções feita pelo segmento porta a porta, ou crediário que fazia o comércio diretamente com as famílias ou com as escolas (NOJOSA, 2002). Esse plano possibilitava a maior parte dos lucros somente à editora, sendo implementado um novo formato ao campo editorial brasileiro nesse momento. Esse aumento de alcance da editora se confirma ao ver os nomes de cidades que estão na folha de rosto na edição de 192(?), que são: Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, cidades essas que faziam parte de um circuito concentrado de editoras no sudeste-sul do país. Acredita-se ser possível outras capitais terem feito parte das distribuidoras, como por exemplo, Belo Horizonte, que também estava nesse circuito editorial e que na década de 1930 se mantinha fortemente no debate político educacional, principalmente por ter o intelectual mineiro Gustavo Capanema como ministro da Saúde e Educação no governo de Getúlio Vargas. Entretanto seria necessária uma pesquisa mais aprofundada, para que seja confirmada tal ideia.

Todas essas características físicas e editoriais, onde a história da leitura se une a história do livro, mostram como não é somente o texto ou as palavras que movimentam a prática da leitura, mas também o formato do livro, o papel, a apresentação, a narrativa, a distribuição e o momento em que se encontra o leitor, entre outros, os quais também possibilitam a formação desse leitor. Por isso que consideramos esses apontamentos acerca da leitura na enciclopédia, como uma forma de contribuir com a história da leitura no Brasil..

Referências Bibliográficas

ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BATISTA, Antônio Augusto G. “Um objeto variável e instável: textos impressos e livros didáticos.” IN: ABREU, Márcia (org.) *Leitura, História e História da leitura*. São Paulo: Fapesp, 1999.

_____ e GALVÃO, Ana Maria de O. e KLINKE, Karina. “Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956)” IN: *Revista Brasileira de Educação*. N. 20. Maio/jun/ago/2002.

BESSONE, Tania. “História do livro e da leitura: novas abordagens.” IN: *Floema*, Ano III, n.5A, out/2009.

BITTENCOURT, Circe Maria F. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Teses de doutorado do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 1993.

CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

CHOPPIN, Alain. “O historiador e o livro escolar” IN: *História da Educação*. ASPHE/FAE/UFPEL vol.11, abr/2002.

_____. “O manual escolar: uma falsa evidência histórica.” IN: *História da Educação*. ASPHE/FAE/UFPEL. V.13, n.27. jan/abr/2009.

DARNTON, Robert. “História da Leitura” IN: Burke, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GLEZER, Raquel e ALBIERI, Sara. “O campos da história e as ‘obras fronteiriças’: algumas observações sobre a produção historiográfica brasileira e uma proposta de conciliação.” IN: *Revista IEB*, n.48, março/2009.

GOUVÊA, Maria Cristina S. “A construção de uma infância escolarizada: a escola na literatura infantil (1900-1935)” IN: *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n.29, jun/1999.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil, sua história*. São Paulo: Edusp, 1985.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMANN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003.

MAGALHÃES, Marcelo de S. “A construção de um cânone republicano: a escrita da história escolar na virada do século XIX para o XX.” IN: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho/2011.

MUNAKATA, Kazumi. “Dois manuais de história para professores: histórias de sua produção.” IN: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.30, n.3, set/dez/2004.

NOJOSA, Urbano N. “Segmento porta a porta: o livro em busca do consumidor-leitor” IN: Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM. Salvador, 2002.

OLIVEIRA, Cátia Regina G. A. de. e SOUZA, Rosa Fátima de. “As faces do livro de leitura” IN: *Caderno Cedes*. Ano XX, n.52, Nov/2002.

ORIÁ, Ricardo. *O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar brasileira (1934-1961)*. São Paulo: Annablume, 2011.

REIMÃO, Sandra. “Estudos sobre produção editorial e história dos livros no Brasil- algumas observações.” IN: Anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. UFF/LIHED, 2004.